

El capitalismo dependiente latinoamericano

BAMBIRRA, Vania. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 1. ed. México: Siglo Veinteuno, 1974.

Por Selma de Fatima Santos¹

*O principal produto de exportação da América
Latina são seus braços baratos*
(Eduardo Galeano)

Artigo recebido em abril 2024

Artigo aprovado em abril 2024

10.17771/PUCRio.OSQ.67648



A obra “O Capitalismo dependente latino-americano”, de Vania Bambirra, é resultado de um intenso e fecundo trabalho de pesquisa da autora sobre as relações de dependência na América Latina, escrito entre 1968-1970, quando esteve exilada no Chile e atuava como membro do Centro de Estudios Socio-económicos (Ceso) na Universidade do Chile.

Importante ressaltar o contexto que permeia a obra e sua interlocução com ideias e acontecimentos do período. Contexto marcado pela iminência de intensa crise econômica mundial que ocorreria a partir dos anos 1970, e também marcado por intenso debate intelectual e político, vasta produção teórica, lutas revolucionárias, efervescência política, cultural e intelectual na América Latina, silenciadas, posteriormente, por golpes militares.

Sua contribuição através dessa obra cumpriria dois principais objetivos: a problematização, a partir da investigação científica e de debates para a tentativa de superação dos limites da teoria *desenvolvimentista*, desencadeada por intelectuais da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) entre outros, e fornecer uma análise crítica da teoria marxista latino-americana que pudesse orientar movimentos revolucionários, os quais sofriam reveses motivados por equívocos na concepção política, na tática e na estratégia.

Além da crítica à concepção Cepalina, havia outro desafio hercúleo: a necessidade de construir uma análise crítica sobre a questão da teoria da dependência, pois os chamados teóricos da dependência (por excelência), como Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, dentre outros, tinham como pressuposto uma dependência *associada* ao capital estrangeiro e não de superação desse pela via revolucionária ou mesmo por um viés nacionalista.

De forma geral, o grande objetivo da autora era o de somar-se aos esforços de cientistas sociais, no continente latino-americano, que se propusessem a superar o pensamento *desenvolvimentista* preparando as bases para uma árdua tarefa: elaborar um referencial teórico de análise crítica, tendo como principal ferramenta a teoria marxista e o método marxiano. Derivado desse esforço, construiu-se um referencial teórico analítico conhecido atualmente como teoria *marxista da dependência*.

Bambirra foi uma militante intelectual que soube analisar, compreender e colocar em ação a *práxis* política revolucionária.

Uma parte importante da obra em epígrafe trata sobre as Cuestiones de Método, situada logo no início do livro, em que a autora faz uma abordagem sobre questões de interpretação do método marxiano de análise para, a partir dessa referência, compreender e explicar as relações de dependência dos países periféricos em relação aos países hegemônicos centrais.

Desta maneira, a autora trata de definir metodologicamente dois tipos de estrutura do capitalismo dependente: um deles, chamado de

“Tipo A” – o qual se refere aos países que se industrializaram nas últimas décadas do século XIX, denominados também como os de *industrialização antiga* e, em certos casos, dirigidos por uma burguesia interna. Os de “Tipo B” são os países que se industrializaram a partir do pós-guerra (2ª Guerra Mundial) e, portanto, sofreram os impactos das potências hegemônicas, dos investimentos estrangeiros, da formação dos monopólios e controle direto do capital estrangeiro. Tais transformações orientam também o curso da industrialização nos países onde esta já havia se iniciado e, sobretudo, aquelas que dependem de investimentos por parte das empresas estrangeiras, particularmente por parte de empresas norte-americanas no pós-guerra.

A autora afirma que a base material e o sentido que orientam a industrialização na América Latina são, desde então, fundamentalmente dirigidos pelo capitalismo estrangeiro, através de um mercado interno já relativamente estruturado, cujo capital o reorienta em função das novas pautas de consumo. Esta nova característica do desenvolvimento do capitalismo dependente, além de não resolver as contradições econômicas e sociais existentes, as agrava e gera, em seu curso, outras novas, cujo resultado é uma situação de crise profunda e generalizada que se manifesta em todos os níveis da vida das sociedades latino-americanas.

Quais são essas contradições, como se geraram e quais são seus resultados e possibilidades de superação? Essas são perguntas-chaves em sua pesquisa.

Vania Bambirra: intelectual militante de uma práxis revolucionária

Necessário apresentar a autora, uma vez que a *clandestinidade* a que foi vítima, tanto na vida intelectual, como na ação militante, impedem as novas gerações de conhecer o monumental trabalho realizado por Bambirra ao longo de décadas de intensa produção teórica/ação prática. Vania é uma intelectual brasileira desconhecida no Brasil, inclusive dentro do pensamento progressista e de esquerda.





Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1940, filha de trabalhadora doméstica e alfaiate (militante do Partido Comunista); cursou Sociologia e Administração Pública na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no início dos anos 1960, onde, além dos estudos acadêmicos, iniciou sua militância política, tendo como uma das bandeiras de luta, na sua juventude, a defesa da Revolução Cubana. Participa ativamente do movimento estudantil de sua época e faz trabalho de base nas comunidades, bairros e periferias de Belo Horizonte nos anos 60, em defesa de reformas profundas:

Vânia Bambirra desde cedo atuou como militante e intelectual, participando nos movimentos estudantis de sua época e acompanhando de perto as principais controvérsias de seu momento. Em debate estavam o nacional-desenvolvimentismo promovido pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), os estudos econômicos da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), assim como as posturas teóricas e as estratégias e táticas que inspiravam naquele então o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Vânia Bambirra se nutriu desses debates, sempre com o senso crítico aguçado. A Revolução Cubana reverberava na esquerda latino-americana, dando fôlego a uma visão crítica ao etapismo e ao dualismo contido. É neste contexto que, em 1961, surge a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP) [...]. Ao lado de vários outros intelectuais e militantes – entre eles, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos –, Vânia Bambirra, naquele momento com 21 anos, participa da fundação da POLOP e milita nesta organização até sua saída clandestina do Brasil, em 1966 (PRADO, 2011, p. 154-155).

Em 1966, com a ditadura civil-militar no Brasil, Vania exilou-se no Chile, onde foi convidada a lecionar no Centro de Estudios Socio-econômicos (Ceso) da Universidad de Chile. Alguns intelectuais como Ruy Mauro Marini, Andre Gunder Frank (entre outros) também confluíram para o Ceso nesse mesmo período.

No contexto intelectual e político do Chile da década de 70 do século XX, Vania escreve *El capitalismo dependiente latino-americano*,

publicado em Santiago, pela Prensa Latinoamericana, em 1972, e pela editora Siglo Veinteuno XXI, no México. Tal publicação já se encontra na 16ª edição mexicana e jamais fora traduzida no Brasil. Segundo Prado (2011), esse foi o seu livro mais divulgado na América Latina.

Bambirra produziu diversas obras que possuem grande importância para a atualidade, apesar de continuarem legadas ao plano marginal no debate intelectual contemporâneo. Podemos destacar: *Diez años de insurrección en America Latina*, publicado em 1971, no Chile e, em 1973, na Itália; em 1972 e 1973 escreve *La Revolución Cubana: una reinterpretación*².

Com a ocorrência do golpe militar no Chile, em 1973, Bambirra é obrigada a exilar-se por alguns meses no Panamá com os filhos e, posteriormente, segue ao México, onde é recebida na Universidad Nacional Autonoma de Mexico (Unam), e continuou suas pesquisas no *Instituto de Investigaciones Sociales*. No México, dedicou-se aos estudos sobre a dependência na América Latina e também manteve sua preocupação com o tema da transição socialista. Dedicou-se a estudar Marx, Engels e Lenin e, deste estudo, origina-se o livro *La estrategia y la tatica socialistas de Marx y Engels a Lenin*, o qual fora escrito em conjunto com seu companheiro, Theotonio Dos Santos. Esse tema, posteriormente, deu base a sua tese de doutorado intitulada *La Teoría del Socialismo en los clásicos: Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilyich Lenin*. Sua tese foi publicada no Brasil em 1992, pela Universidade de Brasília (UnB), com o título: *A teoria marxista da transição e prática socialista*.

Prado (2011, p.158) relata que, para ingressar na Unam, Bambirra teve que apresentar-se num concurso que, dentre outras exigências, deveria defender uma monografia a uma banca examinadora composta por professores como Augustin Cueva, Pedro Paz e Samuel Lichtensztein. Seu tema foi a teoria da dependência. Vania, apesar de polemizar com severas críticas e abrir debate com Cueva, fora aprovada pela banca e, desse trabalho, resultou a obra: *Teoría de la dependencia: una anticrítica*, publicada pela editora Era, no México.





Em 1979 a autora passou por Cuba, fazendo diversas entrevistas com a população cubana, intelectuais, artistas etc. Desse material, publicou o livro: *Cuba: 20 anos de Cultura*³.

Retorna ao Brasil na década de 1980. Faz militância no Partido Democrático Trabalhista (PDT) junto a Darcy Ribeiro e Leonel Brizola. No Brasil, escreve alguns artigos, depois muda para o Rio de Janeiro, trabalha na Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.

Junto com Ruy Mauro Marini dirigiu a Revista *Terra Firme*, a qual não sobreviveu devido à falta de recursos. Ela era patrocinada pela editora Cadernos do Terceiro Mundo.

Em 1987 Vania Bambirra deixa o Rio de Janeiro e é reintegrada a UnB, no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais. Escreve um *Memorial*⁴ o qual é apresentado para a banca como requisito para seu ingresso.

No ano de 2000 se retira do PDT e volta ao Rio de Janeiro, onde viveu até 2015.

Em suma, a vida e obra da Vânia Bambirra estão imbrincados no marxismo crítico latino-americano. Tarefa fundamental é resgatar seu pensamento hoje a partir de uma leitura sempre crítica e também prospectiva, ou seja, tomando seus pontos valiosos e superando os traços enraizados em seu contexto. Para isso é preciso agir como escritor, ter algo de detetive, buscar essas referências escondidas, ler e estudar suas obras, que, apesar de silenciadas ou ninguneadas pelo pensamento estabelecido, teimam em voltar à tona, chamadas pela própria realidade (PRADO, 2011, p.160).

É notável reconhecer em Vania Bambirra uma compreensão do marxismo crítico latino-americano, como sendo uma expressão de sua filosofia da práxis. Durante toda sua vida, a teoria marxista da dependência foi tanto objeto de investigação como objeto de atuação prática sobre a realidade. Como afirma Prado (2011), suas obras,

apesar de silenciadas pelo pensamento estabelecido, teimam em vir à tona, chamadas pela própria realidade.

Na sua biografia, a batalha intelectual e a ação política militante se misturam e se complementam reciprocamente, cuja preocupação é a emancipação humana pela via revolucionária. Cabe-nos a tarefa de desvendar, nas sendas da teoria crítica, no silêncio de mais de cinco décadas de produção teórica e de trajetória política, ignoradas em seu próprio país, e que nos surpreende atualmente com esse valioso legado, pouco a pouco desvendado e retirado dos porões da censura intelectual.

Questões sobre o método

Vania Bambirra (1974) explicita que a ciência social oficial burguesa se esforçara para explicar os aspectos da crise prognosticada em fins dos anos 60 e que se agudizou nos anos 70, mas que tal ciência social nunca conseguira trazer uma verdadeira explicação sobre ela, a não ser através de instrumentos de *mistificação*, na medida em que revelara apenas o aspecto superficial da realidade.

Ao formular sua crítica à ciência social burguesa, a autora articula também profundas críticas sobre a ciência social considerada de cunho progressista, como, por exemplo, a Cepal⁵ afirmando que esta tinha consciência da crise latino-americana, bem como tinha consciência do fracasso das suas próprias soluções à tentativa de superação dos obstáculos que se opunham ao desenvolvimento da América Latina. Portanto, suas escolhas de concepção e de método também eram mistificadoras e equivocadas, tal qual a ciência burguesa:

Creemos que las equivocaciones de muchas de las interpretaciones que se han hecho del proceso de desarrollo latino-americano se deben, no as las limitaciones de los “datos disponibles”, sino principalmente a las deficiencias de las concepciones metodológicas, generalmente utilizadas que produjeron teorías cuyo objetivo es, en el fondo y más que nada, *justificar* certo tipo de desarrollo en vez de intentar *explicarlo* (BAMBIRRA, 1974, p.7).



A autora elabora, então, sua crítica refutando os argumentos da Comissão, afirmando que a Cepal tratou muito mais de justificar o tipo de desenvolvimento existente na América Latina do que de explicá-lo ou questioná-lo. E o fez dessa maneira não tanto por equívocos de interpretação, por limites de dados disponíveis, mas por deficiências metodológicas que trataram de justificar e não de questionar e explicar tal desenvolvimento. Havia, em sua opinião, um misto implícito de conveniência, conivência e parcialidade teórica cepalina.

O problema, portanto, que se coloca para uma nova interpretação do processo de desenvolvimento latino-americano não é apenas de natureza metodológica-conceitual.

Es en este sentido que partimos de la conceptualización de la categoría de *dependencia*, pero no la utilizamos como la ha usado una e otra vez la ciencia oficial, buscando encontrar en ella la explicación de un *fenómeno externo* y coactivo de la situación latinoamericana. Tratamos de redefinirla y utilizarla como la categoría analítico-explicativa fundamental de la conformación de las sociedades latino-americanas y, a través de ella, de definir el carácter *condicionante concreto* que las relaciones de dependencia entre centro hegemónico y países periféricos tuvieron en el sentido de conformar determinados tipos específicos de estructuras económicas, políticas e sociales atrasadas e dependientes (BAMBIRRA, 1974, p.7-8).

De acordo com a autora, apesar de um nível muito alto de abstrações, de questões teóricas gerais, o conceito da dependência apresenta um novo rigor analítico, necessitando, porém, definir a relação existente entre *situação de dependência e estrutura dependente*. A análise parte de um fenômeno que não é só externo ou só interno. A dependência dos centros hegemônicos diante da formação e configuração da questão do desenvolvimento na América Latina – a partir de uma leitura concreta do real – necessita empreender um trajeto desde o nível da abstração elevada e rigorosa até os estudos específicos das estruturas e condicionantes históricas das mudanças que

conformam a dependência, identificando o papel dos países coloniais e dos países colonizados:

O sea, aunque la *situación condicionante* básica en la formación, configuración e desarrollo das sociedades latino-americanas haya sido una misma *situación* de dependencia de los centros hegemónicos, hay que intentar, a través de aproximaciones sucesivas de la realidad concreta – o sea, emprendiendo el trayecto desde un nivel mas alto de abstracción hacia los niveles más concretos –, el estudio de las manifestaciones históricas específicas y del proceso de cambio de las estructuras dependientes que se forman en el continente (BAMBIRRA, 1974, p.8).

Bambirra (1974, p.8-9) afirma a necessidade de, em um primeiro momento, partir das características gerais de um todo indiferenciado, definido como um conjunto de sociedades dependentes para, em seguida, tentar a diferenciação de seus componentes internos essenciais através da agrupação em *tipos*. Há nela a tentativa de misturar os aspectos da capacidade criadora misturada com o rigor na utilização do método marxista:

Por eso, es necesario elaborar una tipología de las estructuras dependientes para, posteriormente, poder llegar al estudio de las características específicas de cada país. El objeto específico de esta investigación [...] consiste en un *nivel intermedio* entre el intento de conceptualización teórica general de la dependencia [...] y el estudio específico de *las estructuras dependientes concretas*. En otras palabras, consiste en la elaboración de una tipología de las estructuras dependientes latino-americanas a partir de la posguerra (BAMBIRRA, 1974, p.9).

Ao tratar de tipologias das *estruturas dependentes*, o conceito nos parece um tanto estranho ao método marxista de análise num primeiro momento. No entanto, a relação feita entre um nível intermediário de conceitualização teórica geral da dependência e a sua relação com o estudo específico das estruturas de dependência concretas, conforme sugere a autora, nos convence de que há aí uma integração do





método materialista histórico-dialético. Há, na análise da autora, uma questão que é “histórico-estrutural” no caráter da dependência das sociedades latino-americanas, permeadas pela luta de classes.

O recorte analítico partindo do pós-guerra, conforme propõe a autora, se justifica, de acordo com seus argumentos, por ser uma época que contém características especiais, dado que se inicia uma nova fase do processo de integração das sociedades dependentes ao sistema capitalista *monopolista* mundial:

El sistema monopolista com características de integración mundial ya empieza a formarse desde fines del siglo XIX, pero es sólo en la posguerra que la integración monopólica mundial se cumple en forma plenamente definida y adquiere su carácter dominante, sea a través del proceso más acelerado de integración al nivel de las grandes empresas multinacionales, sea a través de la creación de organismos internacionales para la integración política, sea a través de los tratados de integración militar, sea, por ultimo, a través de la expansión del capitalismo monopolista de Estado. (BAMBIRRA, 1974, p.9).

Todos esses elementos nos fornecem pistas das estruturas de dominação criadas pelos países hegemônicos sobre os países dependentes, desde o final do século XIX, especialmente a partir do pós-guerra, através dos quais os mecanismos de *integração militar*, organismos internacionais, processos de concentração e centralização, consolidação de monopólios, etc. vão se constituindo, se integrando, consolidando, criando um todo unificado como parte da afirmação imperialista no continente que possibilita o desenvolvimento de seu caráter dominante.

O método analítico da teoria marxista, o qual faz a crítica à *clássica teoria da dependência*, exposta nessa obra por Vania Bambirra, expressa a relação entre a expansão da economia mundial e, essa última, tomada como determinante em última instância. A situação de dependência do capitalismo mundial se manifesta como condicionante do

desenvolvimento destas sociedades hegemônicas. E, ao mesmo tempo, a dependência condiciona a estrutura econômica que engendra os parâmetros estruturais de dominação sobre outras sociedades menos desenvolvidas também nos aspectos políticos, ideológicos, culturais etc. Em síntese, há um conjunto de estrutura e superestrutura a partir das potências centrais na forma como operam a superexploração e a dominação sobre os países periféricos para que continuem sempre condicionados historicamente na situação de dependência.

Por fim, uma última questão sobre o método analítico da teoria marxista da dependência:

Queda por aclarar una ultima cuestión que és por qué utilizamos y con qué sentido la expresión histórico-estructural. [...] La utilizamos con el objetivo de adecuar la metodología creada por Marx al enfrentamiento del estudio de la problemática de las sociedades dependientes latino-americanas. O sea, tratar de explicar las leyes de movimiento de estructuras específicas, historicamente condicionadas. Es por esto que creemos que la expresión histórico-estructural es adecuada, porque el nivel de analisis que pretendemos desarrollar, si bien como hemos señalado no se limita a ningún país en particular, se situa en un nivel mucho más concreto que és el nivel del analisis sumamente abstracto realizado por Marx en *El Capital* (BAMBIRRA, 1974, p. 10-11).

Bambirra (1974, p.11) acrescenta que, possivelmente, muitos que utilizam a categoria “histórico-estrutural da dependência latino-americana”, lhe conferem um conteúdo distinto. Também o conceito de dependência tem tido muitas conotações (como teve a teoria do valor antes de sua precisão por Marx); mas, desde o momento que seja possível precisá-la com rigor e clareza necessários, passa a ser incorporada como uma categoria analítico-explicativa fundamental do marxismo para a compreensão de países como os latino-americanos.

Bambirra questiona, sobretudo, algumas formas de interpretação da América Latina, como, por exemplo, a empirista⁶, dualista⁷, gradualista⁸. Segundo a autora, este pensamento não leva em conta que o

“atraso” dos países dependentes tem sido *consequência* do desenvolvimento do capitalismo mundial e, por sua vez, trata-se de uma *condição* imposta aos países periféricos (esse tipo de desenvolvimento dependente e não outro) por parte das potências capitalistas mundiais. “Los países capitalistas desarrollados y los países periféricos componen una misma unidad histórica que hizo posible el desarrollo de unos e inexorable, o atraso de otros” (BAMBIRRA, 1974, p.13).

Os países desenvolvidos só se tornaram como tal diante de uma mesma unidade histórica que fez dos outros as condicionantes do atraso. Não há possibilidade de explicação dos fenômenos fundamentais que condicionam a existência de estruturas tão distintas. Muitos dos indicadores utilizados por esses autores mencionados, segundo Bambirra (1974, p.13) tem validade bastante questionável, uma vez que possui conteúdo indiscutivelmente ideológico:

Sin embargo, han existido otros intentos de proposición de tipologías, entre los cuales uno de los más relevantes es el de Fernando H. Cardoso y Enzo Faletto⁹. En el, se proponen, a través de una valiosa discusión metodológica que parte de una crítica a los enfoques empiristas y estructuralistas, un análisis integrado del desarrollo (BAMBIRRA, 1974, p.13).

Apesar de reconhecer como importante a abordagem destes autores contrários aos enfoques empiristas e estruturalistas, seguida pela proposição de uma análise integrada do desenvolvimento, ainda assim há profunda crítica da autora ao conteúdo e metodologia da concepção sobre a dependência, elaboradas por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto:

Quizá esa crítica permita revelar una de las limitaciones fundamentales, no sólo del trabajo de Cardoso y Faletto, sino, y en forma casi general, de todos los esfuerzos interpretativos que se hicieron de la historia de América Latina en nuestro siglo, en los cuales no redefinían el papel específico y hegemónico que tuvieron los sectores empresariales industriales nacionales en

algunos países (BAMBIRRA, 1974, p.18).

Argumenta ainda que a evolução das relações de produção tem de ser tomada como elemento explicativo, e é necessário tê-las presente se se quer realmente esgotar a explicação das origens e da formação dos tipos fundamentais de estruturas socioeconômicas na América Latina. Há que se explicitar o papel hegemônico que cumpriram os setores empresariais industriais nacionais. As novas relações de produção que começam a desenvolver nestes países, e que são já tipicamente capitalistas, ainda que tenham a ver com a situação herdadas do período colonial, fazem parte, sobretudo, do processo de mudanças nas estruturas dependentes. A não incorporação, por parte dos autores mencionados, desses elementos essenciais à análise, revela a limitação e a ausência de rigor da concepção que manejam sobre o que é a dependência. Para a autora, a história econômica desses países é fundamental para compreender sua situação de dependência. Inclusive a questão agrária.

Concepção da Teoria Marxista da Dependência e caracterização dos países dependentes latino-americanos

Para Bambirra (1974), a partir do pós-guerra na América Latina, a situação condicionante é o processo de integração do capitalismo periférico com o capitalismo hegemônico – especialmente o dos Estados Unidos.

Afirma que essa integração assume novo caráter, através do qual as relações econômicas internacionais se dão em função das mudanças que ocorrem no sistema capitalista mundial como consequência direta da guerra na economia norte-americana. “Este nuevo caracter se debe a la expansión de los consórcios monopólicos multinacionales, lo que es el resultado de todo un complejo proceso de concentración e centralización que se realiza en la industria de los Estados Unidos” (BAMBIRRA, 1974, p.23).

O processo de monopolização, expropriação, concentração e centralização de capitais que se instalam e aprofundam a dependência na América Latina foi feito a partir de dois tipos de estruturas já existentes nas sociedades latino-americanas: 1) estruturas diversificadas em que ainda predominava o setor primário agroexportador, existindo, entretanto, um processo de industrialização em expansão; 2) estruturas primário-exportadoras, cujo setor secundário estava composto ainda por indústrias artesanais. Nestes casos, o processo de industrialização seria um produto da integração monopólica mundial.

Os países que haviam começado sua industrialização antes do pós-guerra são: Argentina, México, Brasil, Chile, Uruguai e Colômbia. Embora alguns desses países, como Colômbia, se industrializem décadas mais tarde. Bambirra (1974, p.26) caracteriza estes seis países como sendo os países com início de industrialização antiga (tipo A). Aos países que começaram sua industrialização no pós-guerra, a autora os classifica como países de Tipo B, *“cuya industrialización fue producto de la integración monopólica”*. São eles: Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Panamá, Nicaragua, Honduras, República Dominicana e Cuba¹⁰. Todos os demais países da América Latina que até o período da 2ª Guerra não haviam começado a montagem de um parque industrial são considerados de Tipo B. Peru e Venezuela são os que se industrializam logo depois do pós-guerra, mas já com consequências dela, sob influência direta do capital estrangeiro. Guatemala e El Salvador nos anos 60. A cronologia não interessa à autora, mas seus aspectos qualitativos. Esses países encontraram situações limites difíceis de serem superadas.

Já os países com estrutura agrário-exportadora sem diversificação industrial (Tipo C), estão incluídos: Paraguai, Haiti e talvez Panamá¹¹. Sobre esses países, a autora pouco aborda durante o texto. Sua análise se concentra majoritariamente nos tipos A e B.

Evidencia-se que Bambirra se preocupou em não tratar a realidade da América Latina como se fosse homogênea, mas percebe neles

qualidades e contradições diferenciadas de um processo para outro. O agrupamento de países em tipo A, B e C, fornece noções gerais de similaridades nos processos, mas, mesmo assim, possuem história, formação social, cultural, determinações distintas em diversos âmbitos, o que a faz dinamizar sua interpretação a partir de cada um deles. O que há de comum é a forma como o imperialismo unifica diferentes realidades para organizar a dependência parcial ou total ao império estadunidense.

Após caracterizar essas tipologias, a autora analisa os processos de industrialização dos países A e B e a sua relação com a movimentação internacional da economia, destacando internamente cada país: sua estrutura produtiva, os antagonismos entre as classes, o mercado interno, as lutas que se desenvolveram nesse período. Para ela, existe uma interdependência entre o setor agroexportador e industrial que se reflete de maneira muito nítida na medida em que os capitais gerados no setor agroexportador se transferem ao setor industrial (direta ou indiretamente), como, por exemplo, através do sistema bancário ou de subsídios estatais.

En este sentido los intereses oligárquicos e industriales, aunque manteniendo su especificidade, se mezclan e se complementan, resultando de allí, en el plan económico e político-social, una serie de conflictos que no ocultan sus antagonismos, pero que los limitan a una situación de compromiso, base sobre la cual se asienta el sistema oligárquico-burgués en estos países. La burguesía industrial latino-americana ya nasce limitada y comprometida con las clases dominantes oligárquicas. No solo porque o desarrollo de la industria se produce en el seno del sistema oligárquico (y por oligarquía entendemos todos aquellos sectores de las clases dominantes vinculadas directa o indirectamente al sector primário-exportador, más los latifundistas que producen para el mercado interno o que le detentan la propiedad de la tierra sin hacerla producir mayormente) pero, también porque, en buena medida, el surgimento de los

empresários industriales es producto de la simbiosis de sectores de la oligarquía (terrateniente o minera o comercial exportadora) y de setores industriales (BAMBIRRA, 1974, p.47).

Interessante perceber na análise da autora que os interesses oligárquicos, industriais e bancários se mesclam, se unificam, não estão dissociados, ocultando inclusive os conflitos e antagonismos entre estes setores para promover a unidade no plano estratégico econômico e político. Basta identificar, como exemplo, o atual agronegócio nestes países, desde as primeiras décadas dos anos 2000. Tais setores fundiram sua natureza, caráter e funções de categorias específicas de classe social e fortaleceram um novo setor: o financeiro.

No parágrafo acima pode-se identificar a composição da classe dominante na América Latina, que se expressa em seus mais distintos comportamentos políticos, nos diferentes países, apesar de manter suas especificidades, mas trata-se de uma similar composição durante séculos, mas com mudanças significativas no século XXI, especialmente relacionada ao setor agroexportador de produtos primários, sobretudo em países como Brasil e Argentina.

Vania Bambirra (1974) argumenta, em sua aplicação metodológica de análise, que os países de tipo A, que tinham mercado interno um pouco mais desenvolvidos, demonstram que tal compromisso se deu via substituição de importações por meio da clássica aliança entre a burguesia agrário-exportadora e a industrial. Nos países de tipo B, só se pode desenvolver depois do pós-guerra por conta de sua situação de enclave. Esses países tiveram como característica suas economias como prolongamento das economias da grande metrópole. Por conta dessa característica, não se criou burguesias industriais nacionais nesses países. Há uma burguesia mais fortemente associada ao capital internacional.

No segundo capítulo a discussão da autora tem como centralidade a problemática dos processos de industrialização nesses países do grupo A e B e suas metamorfoses, sob os direcionamentos da mono-



polização de capitais, bem como a penetração cada vez mais predatória dos países hegemônicos sobre os países dependentes, periféricos.

Assim, sua preocupação central é sobre a entrada de capitais estrangeiros nos setores dinâmicos das economias dependentes que, nesse período, são os setores industriais. Aquelas burguesias nos países de tipo A que haviam iniciado um processo de desenvolvimento autônomo e nacional, abandonam seus projetos e se tornam sócias menores do imperialismo. Nos de tipo B, tiveram seu parco desenvolvimento financiado por capital estrangeiro e continuaram a ser completamente dependentes e condicionadas a arremessar de maneira submissa suas riquezas para fora.

No terceiro capítulo, Bamberger reflete sobre a estrutura agrária desses países e as suas limitações em relação aos processos de industrialização, as quais restringem o processo de alargamento da indústria. Os interesses estrangeiros também constituem outro tipo de empecilho para um projeto nacional de desenvolvimento e que levou, em parte, à estrangeirização da propriedade privada da terra e da estrutura fundiária sob os domínios de grandes empresas.

Junto ao tema da questão agrária na América Latina, torna questão central em sua reflexão a dupla função do Estado, o qual, num dado momento, aparentemente, está disposto a servir aos interesses gerais da sociedade, mas, na sua essência, existe para servir, articular, organizar, aprofundar e garantir os interesses burgueses, sejam estes da burguesia interna ou externa ou da associação de ambas.

Os países de tipo B vivenciam enormes contradições, principalmente o de atrair divisas para seu processo de industrialização devido ao rigoroso controle externo sobre suas exportações, principalmente pela permanente estrutura agrária “imutável”. Ainda nos países de tipo B, não só se mantém como se estende o domínio estrangeiro sobre os recursos naturais e a instalação de indústrias manufatureiras com o domínio do capital de fora. Para os de tipo A, novos setores industriais de bens de consumo duradouro e bens de produção são contro-



lados por conglomerados multinacionais. Ocorrem nos dois casos a desnacionalização progressiva da propriedade da terra e dos meios de produção e a consequente perda do controle nacional sobre o processo produtivo. O desenvolvimento do capitalismo nesses países conta com essas duas principais contradições.

Vania Bambirra conclui sua obra trazendo questões sobre quais as tendências e alternativas do capitalismo dependente para a América Latina. Ela argumenta que os resultados, tanto para os países de tipo A como para os de tipo B, demonstram características similares. Neste sentido, seria válido supor que as tendências seriam as mesmas para o conjunto de países do continente. No entanto, há diferenças. Os resultados alcançados em países de tipo A, como são os casos específicos de Brasil, México e Argentina, configuram tendências que em outros países ainda não haviam sido colocadas:

És el caso de las tendencias subimperialistas, que consistirían en la explotación de un país dependiente más desarrollado sobre otros menos desarrollados, en la búsqueda del control sobre parte sustancial del mercado de éstos; a través, no sólo de exportaciones, pero sobre todo, de inversiones en sectores económicos básicos – de recursos naturales o de instalaciones de industrias – lo que supondría un cierto dominio político y militar por parte del país subimperialista (BAMBIRRA, 1974, p.176).

Para Bambirra, a questão do *subimperialismo* era uma tendência que colocava possibilidades de exploração e domínio de um país mais desenvolvido sobre outro menos desenvolvido, através de políticas de exportações, investimentos em setores de economia de base e também de exploração de recursos naturais, ou ainda, de instalações de indústrias em outras nações vizinhas. Segundo a autora, para países como Brasil, México e Argentina (lembrando que seus estudos datam do final dos anos 1960 e início dos 70, tendo como recorte a formação dos monopólios e a dominação imperialista sobre os países da América Latina a partir do pós-guerra de 1945), dos

quais destacava como uma possibilidade histórica para estes países que projetavam tal tendência.

Conforme sua observação, esses três países do bloco de Tipo A, possuíam tendência subimperialista devido a maior intensidade que o desenvolvimento capitalista nesses países adquiriu naquelas últimas décadas e diante de uma etapa qualitativamente nova a ser seguida. Em outros países de tipo B (e alguns de tipo A), essa tendência não estava colocada, como é o caso do Uruguai, Chile e Colômbia, seja pelo não desenvolvimento completo da indústria, de bens de consumo interno, de condições geográficas, como é o caso do Uruguai, ou mesmo de desenvolvimento tardio de industrialização, como é o caso da Colômbia.

Vania argumenta que é impossível pensar que esta é uma condição para os demais países no sentido de que exista um desenvolvimento gradual para todos. Não é possível, conceber uma comunidade de subimperialismos. “El subimperialismo, para afirmarse necesita una amplia área para su actuación. Y esto significa que es necesario imponer a los demás países latino-americanos la situación de una doble explotación; por parte del imperialismo y del subimperialismo” (BAMBIRRA, 1974, p.178).

Em sua opinião, caso não se confirmasse tal tendência, os países latino-americanos continuariam dentro do sistema de dominação, todos como países capitalistas dependentes, podendo alguns passar por períodos curtos de crescimento estimulados por políticas reformistas e modernizadoras. Constatava como remotas as alternativas para um processo forte de industrialização e montagem de um setor de bens de produção e consumo. O estancamento de suas economias e as crises eram vistas como possibilidades reais, oriundas da situação de dependência frente ao imperialismo.

Por fim, a única possibilidade de desenvolvimento amplo para todos esses países estaria fora do sistema capitalista e seria a alternativa socialista de rompimento com o imperialismo. “El socialismo se pren-





senta pues, para ellos, como la única opción de desarrollo, dejando de ser un ideal doctrinario y pasando a constituirse en una necesidad histórica” (BAMBIRRA, 1974, p.179).

As tendências apontadas por Bambirra a partir das tipologias construídas em seu método de estudo e a caracterização dos países latino-americanos diante da realidade vivenciada no final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX, período de profunda crise mundial e de saídas neocolonialistas e imperialistas, em que se aprofundara desde décadas anteriores – mais de meio século – conforme o recorte da autora, desde o pós-guerra de 1945.

Vale ressaltar que o mundo, desde os anos 1970 (marco da crise estrutural do capital), passou por transformações profundas até os dias atuais, nas primeiras décadas do século XXI. A América Latina também vivenciou transformações profundas, sobretudo na condição de um continente que mantém relação social de dependência e submissão ao sistema capitalista mundial, através do domínio e exploração das potências hegemônicas.

No período analisado, Vania Bambirra observou uma bifurcação nos possíveis caminhos para a América Latina – um caminho que seria para a maioria dos países: continuar sob dominação imperialista, sob as condições do desenvolvimento dependente e com a possibilidade de dupla dominação, dado que havia a tendência de alguns países avançados em mediar a dominação do imperialismo atuando como subimperialistas no continente. E outra alternativa (para ela, a única) era a do socialismo como saída e como necessidade histórica para o rompimento com a situação de dependência:

En el nivel del sistema de explotación, Latinoamérica se bifurca, y es necesario buscar en el nivel de la resistencia popular a éste sus posibilidades de reunificación. O sea, que el capitalismo tende a dividir el continente entre potencias dominantes y países dominados y sólo el socialismo podrá impedirlo y restaurar la unidad continental (BAMBIRRA, 1974, p.179).

Passados 50 anos da escrita de “O capitalismo dependente latino-americano”, é fundamental reencontrar e estudar as obras de Vania Bambirra, atualizar o contexto histórico, refletir a partir de suas categorias analíticas e fazer o balanço de quais os caminhos e descaminhos foram escolhidos na América Latina. Qual ou quais caminhos precisamos projetar para superar o capitalismo dependente latino-americano? O socialismo continua sendo a única saída possível e necessária para o rompimento com o capitalismo dependente na América Latina? Estas questões profundas continuam em aberto e com validade teórico-prática cada vez mais atual.

Referências

BAMBIRRA, Vania. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 1. ed. México: Siglo Veinteuno, 1974.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

PRADO, Fernando Correa. Vania Bambirra e o marxismo crítico latino-americano. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos - Rebela**, v. 1, n.1, jun.2011.

Notas

- 1 Membro do Setor de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Coordenação Pedagógica da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). E-mail: selmaterra@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6458-2893>.
- 2 Prado (2011) relata que Vania teve acesso a fontes primárias da Revolução Cubana e logrou importantes materiais que serviram de base a seu estudo, inclusive por parte dos fundadores da Revista Pensamiento Crítico. No entanto, quase que seu trabalho se perde tragicamente por completo, devido a uma invasão militar na editora Prensa Latinoamericana, onde a polícia chilena queimou e destruiu todos os exemplares no dia seguinte à impressão, antes de ir para as livrarias. A única cópia que fora salva, se deve a um ex-aluno de Bambirra, jovem estadunidense Frank Teruggi, (que havia conseguido uma cópia anterior à publicação) e a enviou a Paul Sweezy, que a publicou na Monthly Review.





- Curiosamente, o jovem ex-aluno foi assassinado dias depois pela ditadura de Pinochet. Fora dos países de língua espanhola da América Latina, a obra fora editada somente em Portugal e Japão.
- 3 Este fora publicado no Brasil pela Hucitec com apoio de Florestan Fernandes.
 - 4 Tal Memorial consiste numa espécie de memorando sobre sua trajetória intelectual e política no Brasil e na América Latina. Algumas obras de Vania Bambirra estão disponíveis na Unam, outras na UnB. Há ainda algumas na Biblioteca do Itamaraty.
 - 5 La evolución Social de América Latina, División de Asuntos Sociales, Cepal, octubre 1968, p.3, mimeo. [Nota da autora - N.A.].
 - 6 GERMANI, Gino. Política e sociedade en una época de transición, Paidós, Buenos Aires. [N.A.].
 - 7 LAMBERT, Jacques. America Latina-Structures sociales et institutions politiques, Presses Universitaires de France, 1963 (hay traducción en español) o la síntesis "Tipología de America Latina", Universidad e desarrollo, Ediciones CPU, febrero de 1968, Santiago de Chile. [N.A.].
 - 8 En particular la concepción del dualismo estructural ya há sido bastante criticada especialmente por André Gunder Frank, "El nuevo confucionismo del precapitalismo dual en América Latina", Economía, México, 1965. Este artículo há sido reeditado en Latino-america: Underdevelopmentor Revolution, Monthly Review, Nueva York, 1970, cap. 14. Del mismo autor, "Capitalismo e el mito del feudalismo en la agricultura brasileña", en "Capitalismo e subdesarrollo en América Latina, Signos, Buenos Aires, 1970, cap. IV. [N.A.].
 - 9 Dependencia y Desarrollo en América Latina (ensayo de interpretación sociológica), Siglo XXI, México, 1969. [N.A.].
 - 10 El caso de Cuba, cuyo proceso de industrialización empieza a partir de la Revolución, no será a partir de allí ubicado en la tipología, pues con la transformación revolucionaria hacia el socialismo, se rompe la dependencia del centro hegemónico capitalista. [N.A.].
 - 11 No hemos obtenido los datos suficientes para una clasificación rigurosa de este país. [N.A.].